

Tates-corongos: insurreição e resistência negra no início da modernização do estado escravista brasileiro ¹

Rogério de Oliveira RIBAS

Universidade Federal Fluminense (Brasil) / Universidade de Lisboa-CNPq

Resumo

O texto é um projeto de pesquisa e direciona-se para duas preocupações relacionadas ao estudo da escravidão e da cultura negra no início da modernização do Estado escravista brasileiro. Relaciona-se, em primeiro lugar, à inquietação que tomou conta da classe senhorial na primeira metade do século XIX, diante da crescente onda de rebeldias negras em todo o país. A nossa proposta nesse contexto é a de estudar o impacto da conspiração engendrada pelos Tates-Corongos na classe senhorial cafeicultora do Vale do Paraíba. A segunda preocupação diz respeito ao sincretismo peculiar que parecia impregnar a sociedade secreta dos rebeldes, chamada por alguns de «Maçonaria Negra». Trata-se, portanto, de estudar um movimento insurrecional que assentava suas bases em uma mescla de culturas que combinava tradições bantu, islâmicas e cristãs.

Introdução

O meu interesse pelo estudo da escravidão no século XIX na Província do Rio de Janeiro começou a partir da elaboração da minha dissertação de Mestrado, apresentada e defendida na Universidade Federal do Paraná sob o título de «Trapeirismo e Escravidão: um estudo das tropas de café das lavouras de Vassouras, 1840-1888». Neste trabalho procurei mostrar a importância da tropa, sistema de transporte composto de vários lotes de bestas-muares e conduzido por escravos, que era utilizada pelos lavradores de Vassouras para o escoamento da produção de café do Município, no complexo cafeeiro escravista do Vale do Paraíba Fluminense, visto que na literatura sobre a cafeicultura da região a sua abordagem sempre aparecia «a reboque» de outros temas.

No estudo do tema, demos ênfase à análise da mão-de-obra escrava ligada às atividades do transporte na lavoura, pois com a exceção do trabalho agrícola, era este o setor que concentrava um maior número de escravos. Observamos, então, que no setor de transporte atuavam escravos com várias ocupações: os escravos-arreadores, os escravos-tropeiros, os escravos-trançadores, os escravos-ferradores, os escravos-peneireiros ou trabalhadores de taquara, além das escravas-costureiras. Notamos uma extraordinária divisão de tarefas no trabalho realizado por tais escravos envolvidos no setor de transporte. Cabia aos escravos-arreadores a respon-

sabilidade pela condução da carga de café e da tropa como um todo, enquanto que os escravos-tropeiros, sob a inspeção dos arreadores, eram encarregados de tocar os animais na estrada. Os escravos-trançadores trabalhavam com o couro e a sola, confeccionando cabrestos, peitorais, cilhas e sobrecargas. Os escravos-ferradores transformavam as barras de vergas em ferraduras, os escravos-peneireiros ou trabalhadores de taquara fabricavam os jacás — recipientes colocados sobre o animal encangalhado para acondicionar as cargas de café — e as escravas-costureiras preparavam os embornais das tropas e sacos de algodão para o transporte do café.

Outro aspecto que se revelou importante neste estudo foi a constatação da existência de uma economia própria dos cativos nas lavouras de café da região, configurando-se, assim, o que Tadeusz Lepkowski chamou de «brecha camponesa no sistema escravista», entendida como as atividades agrícolas realizadas pelos escravos em suas parcelas de terra, o tempo para trabalhá-las e a eventual comercialização dos excedentes. Aliás, esta economia própria dos cativos nas propriedades agroexportadoras, designada também por Sidney W. Mintz como um «protocampesinato», foi registrada por Jacob Gorender em «O escravismo colonial» como uma prática adotada pelos portugueses desde o século XVI na Ilha de São Tomé. Tal prática fora naturalmente transferida à nova área colonial brasileira, que por sua vez, foi foco de sua difusão nas Antilhas, onde ficou conhecido pelo nome de «sistema do Brasil» ².

Portanto, o lavrador reservava uma parcela de suas terras e permitia que os escravos fizessem suas roças e colheitas para serem vendidas. Esta atividade, segundo os lavradores, faria com que adquirissem certo amor ao país, além de distraí-los um pouco da escravidão, e de entretê-los com esse seu pequeno direito informal de propriedade. Compravam, então, os lavradores os produtos das roças dos seus escravos, a um preço abaixo do mercado, principalmente o milho para a alimentação dos animais da tropa e minimizavam os custos da manutenção e reprodução da força de trabalho.

¹ Este trabalho integra minha pesquisa de doutorado sobre a cultura islâmica no Ocidente e nas Américas. Sou grato ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / CNPq pelo financiamento de minhas pesquisas em Lisboa desde dezembro de 1993.

² Ver as seguintes obras: GORENDER (1980: 280) e CARDOSO (1987: 54-55), citando Tadeusz Lepkowski e Sidney W. Mintz.

Além disso, e talvez de maior importância para os lavradores, tal prática, pensavam, estabeleceria uma ligação ao solo pelo amor à «propriedade», impedindo fugas, desordens e insurreições.

As possibilidades de apreensão desses aspectos da escravidão, estudadas na dissertação, estão ligadas à riqueza da documentação encontrada nos Arquivos da Câmara, da Prefeitura e dos Cartórios do 1º e 2º Ofícios de Vassouras.

Entretanto, nessas pesquisas, detectei uma «Memória Histórica do Município de Vassouras», escrita em 1852, e apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil por Alexandre Joaquim de Siqueira, que exercia o cargo de juiz de direito da Comarca de Vassouras. Nesta Memória, o autor, registrando os fatos da história do Município, aponta uma «tenebrosa maquinação» ocorrida em 1847 que se constituiu numa tentativa de insurreição geral dos escravos do Município (SIQUEIRA 1975: 81-116).

O registro dessa insurreição nos levou a pensar, então, na viabilidade de uma pesquisa desse movimento, pois os estudos sobre as insurreições de escravos na Província do Rio de Janeiro somente contam com os trabalhos de Marcos (pseudônimo de Carlos Lacerda), que em «O quilombo de Manoel Congo», publicado em 1935, relata a história da rebelião dos escravos em Vassouras e o de João Duboc Pinaud — «Insurreição negra e justiça» —, mais recente, que utilizando os processos criminais, analisa a mesma rebelião e a formação do quilombo de Manuel Congo em 1838.

No entanto, comparando-se o movimento deflagrado pelos cerca de trezentos escravos do lavrador Manuel Francisco Xavier, e liderados por Manuel Congo com essa tentativa de insurreição geral dos escravos do Município em 1847, observa-se não só um crescimento da capacidade de organização dos escravos na região, como também, como veremos oportunamente, da consciência política negra.

Pretendemos, assim, deslocar a nossa perspectiva de pesquisa, adotada na dissertação de mestrado, onde a escravidão foi tratada sob a ótica da ordem senhorial, para o problema da insurreição negra e suas representações.

Tema

Nosso tema diz respeito a duas preocupações relacionadas ao estudo da escravidão e da cultura negra no início da modernização do Estado escravista brasileiro³. Relaciona-se, em primeiro lugar, à inquietação que tomou conta da classe senhorial na primeira metade do século XIX diante da crescente onda de rebeldias negras em todo o país. Referimo-nos, para citar os casos mais célebres, ao quilombo do Preto Cosme no Maranhão, o qual se fez presente inclusive na famosa Balaçada, e que foi destruído pelo Duque de Caxias; referimo-nos também à conhecida Revolta dos Malês em 1835 que, como bem notou João José Reis, representou o clímax de uma série de revoltas escravas que vinham ocorrendo na Bahia desde o início do século; referimo-nos, enfim, ao quilombo de Manuel Congo em Pati do Alferes, reprimido pelo mesmo Duque de Caxias em 1838 (REIS 1987).

Diversos historiadores relacionam esta atmosfera insurrecional, seja ao aumento do tráfico africano verificado a despeito das pressões britânicas em favor de sua abolição nas primeiras décadas do século, seja às crises políticas do processo de formação do Estado Imperial, do que as conturbações da Regência dão exemplo.

Mas não é o caso aqui de discutir estas questões gerais, que nos servirão apenas de referência, senão de examinar, com o máximo de detalhe e profundidade possível, o pânico que tomou conta da classe senhorial fluminense nas décadas de 1830 a 1850.

Prova do clima de inquietação que tomou conta dos escravocratas fluminenses nos meados do século XIX pode ser vista nas «Instruções para a Comissão Permanente nomeada pelos fazendeiros do Município de Vassouras», em 1854, documento em que os senhores buscaram adotar medidas preventivas contra os levantes que assolaram a região. O texto nos passa com eloquência o medo que atormentava os proprietários de escravos vassourenses naquela época:

Se o receio de uma insurreição geral é talvez ainda remoto, contudo o das insurreições parciais é sempre iminente, com particularidade hoje que as fazendas estão se abastecendo com escravos vindos do Norte que em todo tempo gozaram de triste celebridade. Insurreições parciais têm havido por vezes a diversos pontos e infelizmente não serão as últimas. Dormir sobre o caso é uma imprevidência inqualificável, que entrega-nos desarmados ao perigo...
(INSTRUÇÃO 1854: 7)

Atormentados por semelhante pavor, os senhores baixaram diversas instruções, entre as quais a conveniência de se concederem aos escravos parcelas de terras para o seu sustento (a já citada «brecha camponesa»), o aumento da segurança nas fazendas, o bom tratamento aos cativos, etc.

Ao analisarmos este documento em outro trabalho fomos tentados a relacionar as instruções de 1854 com a revolta de Manuel Congo e o quilombo de Santa Catarina que no remoto ano de 1838, havia flagelado o Município. Confirmamos esta impressão inicial com a leitura de Ignácio Raposo que, em sua «História de Vassouras», considerou a nomeação da «Comissão Permanente», composta pelos proprietários Domiciano Leite Ribeiro, Joaquim Francisco de Faria, Laureano Correa e Castro e Joaquim José Teixeira Leite, um resultado direto dos acontecimentos de 1838 (RAPOSO 1978).

³ Ver sobre a modernização: GRAHAM (1973).

No entanto, examinando mais detidamente a citada «Memória Histórica» de Alexandre Joaquim de Siqueira, verificamos que o pânico senhorial resultava, não da remota insurreição de Manoel Congo, mas de uma tentativa de insurreição geral levada a cabo pelos escravos da região em 1847. O autor da «Memória», que fora chefe de polícia da Côte nos anos de 1830, mencionou:

... uma associação secreta dos escravos dividida em círculos de diversas categorias, cada uma das quais era composta de cinco membros cujo chefe recebia as ordens da categoria imediatamente superior, e assim por diante até o chefe principal, pardo livre, ferreiro de profissão, de nome Estevão Pimenta. A sociedade era de natureza mística, porque com suas aspirações à liberdade, votava um culto supersticioso à imagem de Santo Antonio. Era ela conhecida com o nome de UBANDA, os chefes inferiores com o nome de TATES, e os superiores com o nome de TATES-CORONGOS. (SIQUEIRA 1975: 106)

Estamos diante, portanto, de um movimento insurrecional extremamente organizado, cuja ressonância não apenas parece ter sido maior do que a da revolta de 1838, como talvez seja análoga a repercussão da Revolta dos Malês na Bahia. A confiarmos na «Memória» de 1852, a tentativa de insurreição foi grave a ponto de se formarem processos judiciais testemunhados, aliás, pelo próprio memorialista, que então exercia o cargo de juiz de Direito da Comarca de Vassouras.

A insurreição geral dos escravos de Vassouras de 1847 é ainda tema praticamente inédito, não tendo sido objeto de nenhum estudo monográfico. Entre os raros historiadores que aludem à insurreição, sem tê-la examinado em detalhes, encontra-se Clóvis Moura, em seu clássico «Rebeliões da senzala». Embora tenha afirmado que o movimento «abortou» ainda no seu início, sem sequer haver se configurado mais nitidamente, Moura reconhece a consistência da conspiração arquitetada pelos rebeldes, que alguns chamaram de «Maçonaria Negra»: «Com a experiência da derrota sofrida (1838), os escravos procuraram se articular de forma mais organizada. A estrutura era bem mais sólida do que a anterior, embora ainda incapaz de derrotar os senhores de escravos» (MOURA 1972: 86).

Nossa primeira proposta é, portanto, a de estudar o impacto da conspiração na classe senhorial de Vassouras, para o que utilizaremos os processos criminais e os interrogatórios policiais levados a efeito naquela ocasião, sobretudo o processo contra Estevão Pimenta, o principal Tate-Corongo.

A segunda preocupação que mencionamos de início, diz respeito ao sincretismo peculiar que parecia impregnar a sociedade secreta dos rebeldes. Referimo-nos à aparente fusão entre traços de origem Cabinda-Angola com elementos da cultura islâmica e cristã.

Conseguimos rastrear os traços Cabinda-Angola a partir do vocábulo Tate referente aos chefes do movimento. No «Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros» de Olga Gudolle Cacciatores, Tata (corrutela de Tate) significa grande sacerdote, pai, chefe de terreiro ou de um conjunto de terreiros no ritual Angola e na

Umbanda, e diz respeito também a «entidades de Cabula» (CACCIATORE 1988: 235). Também Roger Bastide, em «As Religiões Africanas no Brasil», se refere a Tata como «espírito protetor de cabula e, às vezes da macumba» (BASTIDE 1985: 142). É Nina Rodrigues, em seu «Os Africanos no Brasil», no entanto, que nos diz ser a Cabula «o mais banto entre os cultos então existentes no Brasil» e, no mesmo «Dicionário» de Cacciatores, encontramos referências às influências dos Malês na chamada Cabula, sobretudo na região fluminense, culto praticado nas matas, e cujos chefes, «bem como as entidades cultuadas eram, e são ainda, chamados Tata» (RODRIGUES 1977: 103 e CACCIATORE 1988: 74).

No tocante à influência islâmica na Cabula, e por suposto no movimento dos Tates-Corongos, temos o testemunho de vários autores, a exemplo de Artur Ramos, que em seu «As Culturas Negras no Novo Mundo», afirmou:

O termo muçulmi é também empregado entre os negros baianos, com as corrutelas muçulumi, muçurumi, muxurumi..., que registrei nas macumbas do Rio de Janeiro. Os Malês ou muçulmis (chamados no Rio de Janeiro Alufás) são adeptos de um islamismo sui generis, inteiramente deturpado por aluviões fetichistas. (RAMOS 1979: 112)

É evidente que Artur Ramos se refere às influências dos «Malês» baianos no Rio de Janeiro, o que aliás se confirma com o que escreve Roberto Moura a esse respeito em seu «Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro»:

No meio negro carioca, onde a colônia baiana era uma elite a partir de suas organizações religiosas e festivas, é de grande importância a presença de negros malês ou muçulmanos e haussás, africanos que migrariam para o Rio de Janeiro fugindo das perseguições que passam a sofrer depois de liderarem as insurreições baianas na primeira metade do século XIX. (MOURA 1983: 86)

Enfim, lembremos das próprias «Instruções» dos lavradores vassourenses, em 1854, que, apavorados, lamentavam o clima insurrecional que os «escravos vindos do Norte» disseminavam na sua região.

Em relação ao vocábulo «Corongo», encontramos apenas uma referência, como sendo um nome usado em Zoranos, na África, para designar hierarquias burocráticas e administrativas, sem maiores considerações sobre o seu significado, o que consideramos a nível de esclarecimento, bastante precário.

No tocante aos ingredientes cristãos, lembremos do culto a Santo Antônio, referido pelo memorialista Alexandre Joaquim de Siqueira em 1852. Mas o assunto é aqui mais complexo do que se imagina, pois o Santo Antônio em questão não parece ter sido o Santo Antônio de Pádua ou de Lisboa — tão difundido na religiosidade popular brasileira —, mas um certo Santo Antônio de Nato, conhecido no Brasil por Santo Antônio de Categeró. Até onde sabemos, pela leitura de Salvatore Guastella, este outro Santo Antônio nascera na África, tendo sido educado nas leis do Alcorão e, depois de capturado pelos cristãos e

feito escravo, ter-se-ia convertido ao catolicismo e posteriormente ingressado na Ordem dos Franciscanos. O mesmo autor nos afirma que Santo Antônio de Nato era negro e teve seu culto difundido no Brasil pelos jesuítas, contando inclusive com altar e estátuas em diversas igrejas do Rosário dos Pretos (GUASTELLA 1986).

Pretendemos, portanto, desvendar e descrever esta complexa teia cultural que parece ter envolvido a sociedade secreta dos Tates-Corongos, julgando que tal estudo contribuirá para o conhecimento das culturas Afro-brasileiras, numa perspectiva histórica e antropológica. Neste contexto, a pesquisa na área lingüística, como também da literatura coeva a respeito da escravidão tornar-se de extrema importância. E pretendemos, sobretudo, resgatar as possíveis relações entre a influência Malê nos escravos do Rio de Janeiro e a consciência política que os conduziu àquela tentativa de insurreição geral.

Résumé

Ce texte constitue un projet de recherche et est guidé par deux préoccupations liées à l'étude de l'esclavage et de la culture noire au début de la modernisation de l'Etat esclavagiste brésilien. La première est en rapport avec l'inquiétude qui gagna la classe possédante, dans la première moitié du XIX^e siècle, devant la vague croissante de révoltes des populations noires dans tout le pays. Nous nous proposons, dans ce contexte, d'étudier l'impact de la conspiration fomentée par les Tates-Corongos sur la classe possédante des planteurs de café de Vale do Paraíba. La seconde préoccupation porte sur le syncrétisme singulier qui semblait imprégner la société secrète des rebelles, que d'aucuns qualifiaient de «Maçonnerie Noire». Il s'agit donc d'étudier un mouvement insurrectionnel fondé sur un mélange de cultures qui combinait des traditions bantoues, islamiques et chrétiennes.

Summary

This article constitutes a project of investigation based on two concerns regarding the study of slavery and Black Culture at the beginning of modernization in the Brazilian Slave State. The first one deals with the anxiety caused in the upper classes by a growing number of black rebellions in the entire country in the first half of the 19th century. In this context, we propose to study the impact of the conspiracy of the Tates-Corongos against the owners of the coffee plantations in the Vale do Paraíba. The second one refers to the peculiar syncretism that seems to have impregnated the secret society of the rebels, referred to by some as the «Black Freemasonry». It is therefore necessary to study an insurrectional movement that had its bases in a mixture of cultures, combining Bantu, Islamic, and Christian tradition.

Fontes e bibliografia

- BASTIDE Roger
1983 *Estudos afro-brasileiros*.- São Paulo: Perspectiva.
1985 *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*.- São Paulo: Pioneira. [2ª ed.]
- BIRMAN Patrícia et al.
1985 *Umbanda e política*.- Rio de Janeiro: Marco Zero. (Cadernos do ISER, nº 18)
- CACCIATORE Olga Gudolle
1988 *Dicionário de cultos afro-brasileiros*.- Rio de Janeiro: Forense Universitária. (3ª ed.)
- CARDOSO Ciro Flamarion S.
1987 *Escravo ou camponês? O protocampesinato negro nas Américas*.- São Paulo: Brasiliense.
- CARNEIRO Edson
1951 *Religiões negras – negros bantos*.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [3ª ed.]
- FONSECA JÚNIOR Eduardo
1988 *Dicionário lorubá-Nagô*.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GENOVESE Eugene Dominik
1983 *Da rebelião à revolução: as revoltas de escravos negros nas Américas*.- São Paulo: Global.
- GORENDER Jacob
1980 *O escravismo colonial*.- São Paulo: Ática. [3ª ed.]
- GRAHAM Richard
1973 *A Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*.- São Paulo: Brasiliense.
- GROMIKO A. A. et al.
1987 *As religiões da África: tradicionais e sincréticas*.- Moscovo: Progresso.
- GUASTELLA Salvatore
1986 *Santo Antônio de Categeró*.- São Paulo: Paulinas.
- INSTRUÇÃO
1854 *Instrução para a Comissão Permanente nomeada pelos fazendeiros do Município de Vassouras*.- Rio de Janeiro: Tipografia Episcopal de Guimarães.
- LARA Sílvia Hunold
1988 *Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*.- Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LIMA Lana Lage da Gama
1981 *Rebeldia negra e abolicionismo*.- Rio de Janeiro: Achiamé.
- LOPES Nei
1988 *Bantos, malês e identidade negra*.- Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MARCOS (pseudônimo de Carlos LACERDA)
1935 *O quilombo de Manoel Congo*.- Rio de Janeiro: R. A.
- MOURA Clóvis
1972 *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*.- Rio de Janeiro: Conquista. [2ª ed.]
- MOURA Roberto
1983 *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*.- Rio de Janeiro: MEC / Funarte.
- PINAUD João Luiz Duboc
1987a *Insurreição negra e justiça*.- Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
1987b *Malvados mortos: Paty do Alferes, 1838*.- Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- PRANDI Reginaldo
1991 *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*.- São Paulo: HUCITEC / Universidade do Estado de São Paulo.
- RAMOS Artur
1979 *As culturas negras no novo mundo*.- São Paulo: Ed. Nacional. [4ª ed.]
- RAPOSO Ignácio
1978 *História de Vassouras*.- Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação e Cultura / Departamento de Cultura / Instituto Estadual do Livro. [2ª ed.]
- REIS João José (ed.)
1987 *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês, 1835*.- São Paulo: Brasiliense. [2ª ed.]
1988 *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*.- São Paulo: Brasiliense / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ.
- REIS João José e Eduardo SILVA
1989 *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*.- São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBAS Rogério de Oliveira
1989 *Tropeirismo e escravidão: um estudo das tropas de café das lavouras de Vassouras*.- Curitiba: Universidade Federal do Paraná. [Dissertação de Mestrado]
- Rodrigues Nina
1977 *Os africanos no Brasil*.- São Paulo: Ed. Nacional. [5ª ed.]
- SIQUEIRA Alexandre Joaquim de
1975 «Memória histórica do Município de Vassouras, 1852», in: BRAGA Greenhalgh H. Faria (ed.), *Vassouras de ontem*.- Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas.
- STEIN Stanley J.
1961 *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*.- São Paulo: Brasiliense.
- VAINFAS Ronaldo
1986 *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*.- Petrópolis: Vozes.
- VALENTE Waldemar
1977 *Sincretismo religioso afro-brasileiro*.- São Paulo: Ed. Nacional. [3ª ed.]

